

**A expedição de Thomas Jefferson Page pelo rio da Prata e seus adjacentes;
navegação dos rios e investigações norte-americanas acerca da Confederação
Argentina e do Paraguai (1853 – 1860)**

Marília Arantes Silva Moreira

Resumo

O presente projeto propõe uma pesquisa cujo objetivo é fazer uma análise do discurso presente no relato de viagem de título, *La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay*, elaborado por Thomas Jefferson Page, oficial da Marinha de Guerra Norte-americana, *U.S. Navy*, e líder da expedição no navio a vapor *Water Witch* pelo rio da Prata e adjacentes, entre 1853 e 1860.

A expedição tinha como objetivo principal realizar o mapeamento cartográfico da região, delimitando suas características naturais e tipos sociais. O relato divide-se em duas partes, 1853-56 e 1859-60, conforme os períodos e possibilidades de exploração daquela bacia hidrográfica. Para concluir seus trabalhos, o comandante buscou lideranças favoráveis à presença norte-americana na região, contando principalmente com o apoio de políticos da Confederação Argentina.

A pesquisa será realizada levando-se em consideração aspectos da cultura e da política, mais propriamente, os vínculos entre o debate sobre a navegação dos rios, a busca dos Estados Unidos por um lugar entre potências mundiais e a construção de imagens sobre a região do Prata nos Estados Unidos por meio das impressões do comandante norte-americano.

A expedição teve lugar em uma época em que o Estado nacional norte-americano vivenciava o acirramento das disputas entre norte e sul e questões que levariam ao fim a escravidão no país com os desfechos da Guerra Civil. Por outro lado, na América do Sul, principalmente entre nações do Prata, disputas por poder revelam Estados ainda em conformação, momentos antes de eclodir a Guerra do Paraguai.

Instituto de Relações Internacionais - Subárea: História

Palavras-chave: Estados Unidos, Bacia do Prata, Viagens e viajantes, Navegação dos rios, Mapeamento náutico.

1 - Apresentação e justificativa do tema

Pretendo proceder a análise do discurso do relato de viagem *La Plata, The Argentine Confederation and Paraguay*, escrito pelo comandante Thomas Jefferson Page buscando compreender quais eram os interesses que o levaram a serviço da *U.S.*

Navy à região, além do extenso projeto de mapeamento cartográfico, realizado em duas etapas: entre 1853-56 e 1859-60. Para tanto, busco analisar a fonte a partir da cultura e da política, investigando aspectos relevantes para as Relações Internacionais do período, tais como a questão da navegação dos rios, perspectivas de colonização e negócios, vinculados às imagens construídas nos Estados Unidos sobre a região.

Ao longo do século XIX, a navegação em rotas fluviais tornou-se uma questão estratégica às nações marítimas. Grandes investimentos fomentaram expedições por partes remotas ao mundo, procurando-se atingir os interiores de determinadas regiões consideradas desconhecidas, em geral, com o objetivo de incrementos comerciais. Contudo, em termos nacionais, a pressão pela abertura à livre-navegação internacional dos rios despertou protecionismo e desentendimentos por toda parte. Assim, esta questão tornou-se um debate decisivo na metade do século XIX.

Como aponta a historiadora Mary Anne Junqueira, neste período, os Estados Unidos pretendiam ampliar suas influências geopolíticas, “buscando ganhar um lugar no mundo”. Desta forma, a *U.S. Navy*¹ colocou-se presente em lugares estratégicos, determinando suas esquadras navais, guiada pela *diplomacia comercial*² dos democratas sulistas. Além disto, lançou expedições de grande envergadura (oficiais e científicas) com a finalidade de conhecer, mapear e apreender novas possibilidades. Ao total, no século XIX, doze expedições da *U.S. Navy* destinaram-se à América Latina. Segundo Mary A. Junqueira, elas dividem-se em duas fases: antes e depois da Guerra Civil Norte-americana (1861-1865). Interesses norte-americanos voltaram-se à América do Sul, principalmente na primeira metade do século, com exceção do período em que disputaram a Guerra contra o México. Porém, após a Guerra Civil, os esforços geoestratégicos passaram a concentrar-se na América Central.³

No entanto, as expedições mais estratégicas direcionadas à América do sul foram

1 Ao me referir à Marinha de Guerra dos Estados Unidos, usarei apenas a sigla: *U.S. Navy*.

2 SCHROEDER, John H., *Shaping a Maritime Empire – The Commercial and Diplomatic Role of the American Navy (1829-1861)*. Westport: Greenwood Press, 1943, pp. 38-42. Pretendiam alavancar o papel da *U.S. Navy* na política externa do país, à expansão de atividades comerciais e científicas a partir de acordos diplomáticos.

3 JUNQUEIRA, Mary Anne. “Charles Wilkes, a *U.S. Exploring Expedition* e a Busca dos Estados Unidos da América por um Lugar no Mundo (1838-1842)”, in *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, 2008, pp. 120-138. Esquadras da *U.S. Navy* e anos de lançamento: Mediterrâneo (1815), Índia Ocidental (1822), Pacífico (1821), Brasil - ou Atlântico Sul - (1826), Índia Oriental (1835), Esquadra doméstica (1841).

realizadas pelo *Program of Naval Rejuvenation*, que foi desenhado e executado por Mathew Fontaine Maury, Superintendente do Observatório Naval, entre 1844-61. Embora a América Latina estivesse sob o olhar norte-americano, já em meados do século XIX, percebe-se que seus principais interesses concentravam-se no Pacífico, entre China e Japão.⁴ Contudo, a conjuntura política norte-americana e a pressão anti-escravista britânica fizeram com que, na década de 1850, Maury voltasse sua atenção às principais bacias hidrográficas do continente sul-americano, Amazonas e do Prata.

Assim, entre os anos de 1851-52, os comandantes William Herndon e Lardner Gibbon realizaram uma “sondagem” da bacia Amazônica.⁵ E logo em 1852, a *U.S. Navy* enviou o comandante Thomas Jefferson Page ao rio da Prata, com o propósito central de realizar um exímio mapeamento cartográfico da região.⁶ Estas expedições tinham objetivos semelhantes e complementares. Entre eles, buscava-se confirmar a existência de uma via de acesso fluvial entre as duas bacias.⁷

Sobretudo, Maury - tutor de Page na *U.S. Navy* - visava à construção de “um grande império do comércio e da ciência” durante a administração dos democratas sulistas.⁸ Mas, conforme a adversidade entre o norte e o sul dos Estados Unidos se intensificava pelas questões da escravidão, estes homens passaram a buscar refúgios para suas atividades econômicas em territórios próximos. Almejavam superar o norte, e alternativas para famílias que não queriam abrir mão do seu modo de vida.⁹

Assim, Maury planejou a colonização da Amazônia brasileira com a transferência

4 SHROEDER, J. H., p. 82.

5 SHROEDER J. H., p. 108. Os navios entraram pelo Pacífico, Chile. Herndon navegou desde a nascente, no Peru, à foz no Atlântico (Pará) pelo rio Madeira. Gibbon acompanhou-o ao Peru e de lá seguiu para a La Paz, na Bolívia.

6 A ligação entre as duas bacias existe mas, em partes, é difícil a navegação. Depois do Amazonas (6.570 km) o Paraná, é o segundo maior rio em extensão no continente (3.942 km); Pilcomayo (1.999 km), Paraguai (1.920 km).

7 JUNQUEIRA, M. A., “Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, *U.S. Navy*, em direção à América Latina (1838-1901)”, in *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de pós-graduação em História, UFMG, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007.

8 SAMPAIO, Maria Clara S. *Fronteiras Negras ao Sul. A Proposta dos Estados Unidos de Colonizar a Amazônia Brasileira com Afro-descendentes Norte-americanos na Década de 1860*. Tese de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2009, p. 86. Maury exercia grande influência política, tanto nos estados do sul como nas altas rodas da Casa Branca. Assim, seu poder abrangia duas esferas da política: a política do governo e as pressões privadas.

9 PONKO, Vincent Jr., *Ships, Seas and Scientists – U.S. Naval Exploration and Discovery in the Nineteenth Century*. Annapolis: Naval Institute Press, 1974, p. 111.

das *plantations* ao sul em uma “República Amazônica”, que pretendia criar como território dependente dos Estados Unidos.¹⁰ Sua proposta formal, feita entre 1850-51, foi negada de imediato pelo Império do Brasil e despertou o protecionismo da diplomacia brasileira em relação à presença internacional no Amazonas. Como define Clodoaldo Bueno, o período de (1851-1864) de “presença brasileira ativa”, foi uma resposta à ameaça dos norte-americanos na Amazônia e à integridade do Império. Na disputa por influência regional, a partir de 1850, a defesa do Brasil pretendeu impor-se aos vizinhos através de sua Marinha.

Enquanto isso, a instabilidade política na Argentina e o senso de oportunidade de norte-americanos atentos à região, viabilizaram a expedição do *Water Witch* pelo rio da Prata, que foi rapidamente aprovada pelo Congresso Norte-americano, em 1852. Nas instruções que Page recebeu do Secretário da Marinha, John Pendleton Kennedy, é possível notar que seus objetivos continham uma ênfase comercial:

Os principais objetos a que sua atenção será direcionada são, a exploração dos rios da Prata, Paraguai e Paraná, todos os seus adjacentes que valham exploração, para determinar a possibilidade de navegá-los, seus cursos, extensão, produção pesqueira, etc; examinar não somente os países limítrofes destes rios, mas também em alguma extensão o interior além das margens, de forma a adquirir correta informação no que concerne à natureza e agricultura, e conseqüentemente, a medida provável de que o intercâmbio comercial possa ser desejável; fazer coleções para o avanço do conhecimento em história natural, botânica, mineralogia, e outros departamentos das ciências naturais; fazer observações astronômicas, meteorológicas e magnéticas; determinar latitude e longitude e fazer uma série de esboços e impressões ilustrativas, com o Daguerreótipo, do cenário, dos índios e das formações geológicas do país.¹¹

Com estas instruções, Page saiu de Washington, capital do país, em 1852, dando início à trajetória no navio a vapor *Water Witch*.¹² Sua equipe reunia aproximadamente 60 homens, entre sete oficiais, quatro engenheiros, um cirurgião assistente e a tripulação.¹³ Não havia corpo científico (como naturalistas, por exemplo), pois os

10 SAMPAIO, M. C. S., p. 87. A justificativa de Maury para a expansão escravista pautava-se na “devolução” dos negros à natureza tropical (ainda subjugado a trabalhar para o homem branco), e também à predestinação divina.

11 PAGE, Thomas J., *A Expedição de Thomas J. Page pelo Rio da Prata; Investigações Norte-americanas Acerca da Confederação Argentina e do Paraguai (1853 – 1860)*. Washington: Harper and Brothers, 1871, pp. 567-559.

12 O navio, um compacto vapor de 400 toneladas e nove pés, fazia parte da Esquadra norte-americana do Brasil. Era a terceira versão do mesmo, reformado em 1851 com três canhões, e equipamentos astronômicos de ponta como cinco cronômetros e uma câmera *Daguerrean Aparatus* (Daguerreótipo) para registros.

13 SCHROEDER, J. H., p. 112. Entre os oficiais mais mencionados por Page no relato estão os tenentes

espécimes recolhidos não seriam analisados em campo, mas no *Naval Observatory* e *Smithsonian Institute*, ambos em Washington.¹⁴

Como em outras viagens da época, as funções do comandante eram amplas. Page deveria agir junto ao corpo diplomático em exercício na região. Principalmente, o cônsul dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, Robert C. Shenck, o *chargé de affaires* em Buenos Aires, John S. Pendleton, e o fundador da *United States and Paraguay Navigation Company*¹⁵ e vice-cônsul no Paraguai, Edward A. Hopkins¹⁶, entre outros homens da política, da ciência e dos negócios.¹⁷

Na época, a Argentina estava dividida entre Unitários, grupo formado por liberais, e os Federalistas, que concentrava líderes com muito poder local e grande apoio da população.¹⁸ Em meados de 1852, os liberais da Confederação Argentina haviam conquistado a capital, Buenos Aires, colocando abaixo o governo de Juan Manuel de Rosas famoso caudilho que por décadas comandou a política da região.

A porta de entrada ao Prata foi oferecida para o comandante Page e os interesses dos sulistas norte-americanos por Justo José de Urquiza, natural de Entre Rios. Em uma conjuntura de grave disputa interna por poder, o líder local que transitava entre liberais e destacava-se por iniciativas de negócios ampliou seu fortalecimento político a partir de relações com interesses externos em perspectiva.¹⁹ Uma das primeiras medidas de

Powell, Ammen e Murdach, sendo que este último costumava liderar as expedições em terra.

14 Page coletava alguns tipos de solo da região, já que queriam ver as possibilidades da agricultura, além de animais, e espécies botânicas para enviá-los ao Secretário da Marinha, que “de acordo com as oportunidades”, direcionava-os aos núcleos de pesquisas de mapeamento e história natural.

15 SHROEDER, J. H., p. 115. Companhia patrocinada por investidores de Long Island, nos Estados Unidos.

16 Membro da Sociedade Americana de Geografia e Estatística, criou a *United States and Paraguay Navigation Company*, e nomeou-se vice-cônsul em Assunção. Page fala pouco sobre os interesses da companhia no relato, mas menciona o tabaco. Ele introduziu-lhe Solano López e participava das negociações no Paraguai.

17 PAGE, T. J., p. 73. Por exemplo, Allen Campbell é citado no relato como o “engenheiro experiente” que pretendia introduzir a tecnologia a vapor e ferrovias na região.

18 BEIRED, José Luis. *Breve História da Argentina*, p. 25. “Entre 1838-1840, a Confederação sofreu um bloqueio naval imposto pela França, que ocupou o porto de Buenos Aires e a entrada do rio da Prata. Com o apoio do Uruguai, a França objetivava derrubar Rosas e obter maior influência econômica e política na região do Prata. Com habilidade, Rosas negociou a suspensão do bloqueio e fortaleceu-se politicamente. Em 1845, Rosas proibiu o acesso de navios estrangeiros ao rio Uruguai e Paraná. A resposta externa não tardou. França e Inglaterra impuseram um segundo bloqueio aos portos da Confederação. O governo de Buenos Aires conseguiu sua suspensão definitiva em 1850”.

19 MEDRANO, Lilia I. Z. de. *A Livre-navegação dos Rios Paraná e Uruguay: uma Análise do Comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889)*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Tese de

Urquiza, enquanto Diretor Provisório da Confederação foi liberar a navegação internacional dos rios. No começo da sua narrativa, Page descreve sua decisão:

Após a derrota e exílio de Rosas, e a eleição de Urquiza como Diretor Provisório da Confederação Argentina, uma das primeiras medidas de sua administração foi um decreto, posto no dia 28 de Agosto de 1852, declarando a livre-navegação dos rios da Confederação para todas as bandeiras. O decreto tomaria vigor no 1 de outubro do mesmo ano. O pacto sobre a grande extensão de águas navegáveis, que oferecia comunicação com o Atlântico a uma nação que abarcava nada menos que 8.800.000 milhas quadradas, estava rompido. Um vasto território foi aberto não somente ao comércio, mas as mais liberais facilidades foram cedidas à imigração. Os resultados, visíveis mesmo neste período, demonstravam a sagacidade de Urquiza, e antecipavam a prosperidade a que aquela porção da América do Sul viria adquirir sob sua ilustrada administração.²⁰

Todavia, desde a chamada Revolução de Setembro, os reajustes da Guerra Civil entre Unitaristas e Federalistas provocaram uma grave tensão política até o ano seguinte, quando Buenos Aires encontrou-se sitiada por terra e bloqueada pelo rio. Assim, explica o historiador James Scobie, “se em fevereiro de 1852, Urquiza havia entrado triunfalmente na cidade de Buenos Aires, em 13 de junho de 1853, abandonava a cidade sob a escolta dos representantes diplomáticos estrangeiros.”²¹

O fato simbólico é que Urquiza foi transferido para Entre Rios pelo comandante Page, no navio *Water Witch*, em uma ação coordenada com a diplomacia francesa e britânica.²² Este apoio ao então Diretor Provisório da Confederação²³ direcionou, logo em seguida, os acordos firmados no Tratado de San José de Flores, em 1853, que concedia liberdade de navegação dos rios Paraná e Uruguai à França, Inglaterra e Estados Unidos, em troca de reconhecimento e legitimidade política.²⁴

Desta forma, com o progresso científico diretamente relacionado ao econômico, interesses geográficos e comerciais impulsionaram a abertura das comunicações dos

Doutorado, 1989, p. 18. “Urquiza era charqueador, criador de ovelhas, exportador de carne, proprietário de navios, importador de produtos europeus para a Província de Entre Rios, possuía enormes estâncias, reunia riqueza e poder.” Ele tornou-se Presidente da Confederação em 1854, depois de instituída sua Constituição, em 1853, em Santa Fé.

20 PAGE, T. J., p. 25.

21 SCOBIE, James R. *La Lucha por la Consolidación de la Nacionalidad Argentina (1852-1862)*. Buenos Aires: Libreria Hachete, 1964.

22 PAGE, T. J., pp. 35-51. No relato, Page narra todas estas circunstâncias e negociações de seu ponto de vista.

23 Em 1853, o Congresso da Confederação Argentina envolvia 13 províncias; Entre Rios, Corrientes, Santa Fé, Córdoba, Mendonza, Santiago Del Estero, Tucumã, Salta, Jujuy, Catamarca, Rioja, San Luis, San Juan.

24 MEDRANO, Lilia., p. 170. França e Grã-bretanha unificaram entre 1856-57 tal reconhecimento.

rios adjacentes ao da Prata para o Atlântico.²⁵ Segundo Clifton Kroeber, a região reunia atenções internacionais à exploração de minérios, navegação comercial e de passageiros.²⁶ Entretanto, além da presente competição internacional, a *Como o Water Witch* permaneceu nas cercanias do Forte Itapirú, no rio Paraná entre o Paraguai e a província argentina de Corrientes, foi alvo de um canhão que matou um de seus tripulantes e avariou o navio.²⁷ Embora Page tenha tentado articular-se e até realizado uma retaliação imediata²⁸, acabou tendo que voltar com ele para o *Washington Navy Yard* nos Estados Unidos, sem conseguir reverter de imediato a situação legal.²⁹ Ao mesmo tempo, a conjuntura argentina também era desfavorável já que em 1855 os Federalistas haviam retomado poder em Buenos Aires.³⁰

Portanto, a desavença com o Paraguai rearranjou alianças políticas para uma retaliação norte-americana, redefinindo o papel do Brasil na conjuntura. Page observa a mediação regional:

Em 1855, o Imperador do Brasil enviou um esquadrão de onze homens de guerra em transportes, todos equipados, para acertar algumas questões entre os dois governos. Entre as mais importantes, estavam aquelas acerca dos limites territoriais e o melhor caminho para a província do Mato Grosso. A esquadra parou em Três Bocas; apenas um navio era a vapor, permitiram que o comandante entrasse em Assunção. Começaram as negociações; alguns pontos menores foram definidos e a expedição voltou sem atingir o seu maior objetivo graças ao tom generoso da diplomacia do Presidente do Paraguai.³¹

Dessa forma, o desentendimento com López incluiu questões brasileiras³² e

25 PAGE, T. J., p. 591. Possivelmente os norte-americanos participaram de concorrências para instaurar transporte à vapor em Corrientes, como parte do acordo de colonização firmado com o governador, Alfredo Pujol, em 1853.

26 KROEBER, C. B., p. 211. Em contrapartida à presença destes interesses, os governantes de Buenos Aires evitavam publicar informações que estimulassem os estrangeiros ao comércio fluvial.

27 Page alega que estava em “canal de navegação comum” no rio Paraná, entre Corrientes (Encenada) e Paraguai.

28 WORLD AFFAIRS, pp. 216,217. O artigo denuncia Page por ter ultrapassado limites impostos pelo Paraguai, sem direitos. Ainda analisa que, embora ele tenha devolvido o tiro de canhão, seu grupo considerou como ofensa a reação paraguaia para justificar a intervenção e submetê-los, em 1859.

29 WOOD, Robert D. O Presidente James Buchanan autorizou a intervenção dois anos depois.

30 KROEBER, C. B., pp. 161-170. Com a soberania dividida navios oceânicos paravam mais em Buenos Aires pelas vantagens em descarregar, distribuição e comércio. Tecnicamente o porto de Rosário não oferecia segurança.

31 PAGE, T. J., p. 285.

32 MEDRANO, Lilia, p. 187.

resultou em uma intervenção naval da *U.S. Navy*, com alianças locais, em 1858.³³ O episódio é pouco conhecido pela historiografia tradicional brasileira. O historiador Vincent Ponko Jr. descreve a participação dos norte-americanos:

Com o dinheiro liberado pelo Congresso, e sob autorização do Presidente, o Departamento da Marinha enviou uma frota de 19 navios sob o comando do oficial de bandeira William B. Shubrick para levar James B. Bowlin como oficial comissionado dos Estados Unidos para enfrentar o Presidente Carlos Antonio López. A frota, que incluía o *Water Witch*, levava 2.500 homens e 200 canhões. A Page foi dado o comando da bandeira, a fragata *Salinas*, com o status de capitão de frota. A expedição saiu de Nova York, em outubro de 1858.³⁴

O objetivo da esquadra, que reunia navios de algumas estações norte-americanas, era exigir reparação e desculpas formais do governo paraguaio com relação aos danos provocados ao *Water Witch*. Por fim, conseguiram fazer com que eles se desculpassem, pagassem pelos danos, e ainda assinassem um tratado.³⁵

33 PAGE, T. J., p. 446. Após o ataque, Page justifica-se pela Lei das Nações acerca da livre-navegação em limites comuns. Mais tarde, comenta a mesma justificativa do embaixador francês para a Intervenção Anglo-francesa.

34 PONKO JR., V., p. 129.

35 WOOD, Robert D.